

O Dia em que a Mediação Salvou a Literatura

José Roberto de Castro Neves

Doutor em Direito Civil pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em Direito pela Universidade de Cambridge, Inglaterra. Professor de Direito Civil da Pontifícia Universidade Católica (PUC-Rio) e da Fundação Getúlio Vargas. Advogado.

Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (1865-1918) nasceu predestinado. Seu nome forma um perfeito verso alexandrino, composto de doze sílabas (O-la-vo -Brás -Mar-tins -dos -Gui-ma-rães -Bi-lac), selando a sua vocação. Embora tenha frequentado os cursos de Medicina e de Direito (prestigiada faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo), não concluiu nenhum deles. Sua paixão sempre foram as letras. Assim, abandonou os estudos para se dedicar ao Jornalismo – e às rodas boêmias do Rio de Janeiro de então.

Embora estrábico e feioso, Olavo Bilac era dono de uma memória prodigiosa. Além de um exímio contador de histórias, sabia proclamar um sem-fim de poemas de cor. Seus contemporâneos reconheciam nele o dom da sedução. Ainda jovem, lança seu primeiro livro de poesias, em 1888, pelo qual recebe pronto reconhecimento. Nele, qualifica a língua portuguesa de “Última flor do Lácio, inculta e bela”. Naquele mesmo ano, apresenta “Via Láctea”:

Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...
E conversamos toda a noite, enquanto
A via-láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.
Dizeis agora: “Tresloucado amigo!

Que conversas com elas? Que sentido
 Tem o que dizem, quando estão contigo?”
 E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
 Pois só quem ama pode ter ouvido
 Capaz de ouvir e de entender estrelas.

Logo em seguida, segue para a Europa, onde convive, em Paris, com Eça de Queiroz.

Ao retornar ao Brasil, Bilac se engaja em discussões políticas. Em 1891, o Marechal Floriano Peixoto assume o poder, destituindo o também militar Deodoro da Fonseca, primeiro presidente da nascente república brasileira. Bilac, com outros antiflorianistas, funda o jornal *O Combate*, para fazer oposição ao novo governo.

Em 9 de março de 1892, no auge desse embate político, Bilac, por meio de seu periódico, critica, asperamente, o escritor Raul Pompeia (1863-1895), por este ter aceito o cargo de professor de Mitologia na Escola de Belas Artes, sob o comando do governo de Floriano Peixoto. Depois, Pompeia chega a ser empossado como diretor da Biblioteca Nacional.

A política brasileira vive de emoções. Isso vem de longe. Floriano Peixoto, militar e herói da Guerra do Paraguai, assumiu, em 1891, a vice-presidência de Deodoro da Fonseca, o primeiro presidente da república que acabara de nascer. Deodoro, por sua vez, também militar – recebeu a patente de Marechal –, era, no fim do império, possivelmente a maior liderança no exército. Na época, a eleição se dava de forma indireta. Votavam apenas os congressistas e poderia haver presidente e vice-presidente de chapas diferentes. Foi o que ocorreu com Deodoro e Floriano, rivais, que pertenciam a grupos políticos distintos.

Pouco tempo depois de assumirem seus cargos, em um período conturbado também economicamente, mas ainda naquele mesmo ano de 1891, Deodoro é pressionado a renunciar seu cargo, em conspiração da qual participa o vice Floriano. Em 23 de novembro de 1891, Deodoro cai e Floriano – que viria a ser alcunhado de “O Marechal de Ferro” pela forma como reagiu às rebeliões que enfrentou em seu governo – assume o poder.

Naquele momento, ninguém poderia ficar indiferente aos temas políticos. Com o fim do império, o sentimento cívico aflorou. A república, por sua vez, chegou, com intrigas e traições, num estado frágil, despertan-

do paixões violentas e posições radicais. Como torcedores de agremiações de futebol, apoiadores de Deodoro, de um lado, e de Floriano, de outro, se atacavam asperamente.

Pompeia, embora criado no Rio de Janeiro, estudara Direito em São Paulo e conclui seu curso em Recife, cuja faculdade frequentou a partir do terceiro ano. Mesmo formado, jamais praticou a advocacia. Em 1888, pouco antes da acusação de Bilac, Pompeia apresenta “O Ateneu”, sua mais importante obra. Trata-se de um romance psicológico que narra, na primeira pessoa, as experiências do protagonista, ainda criança, nos seus anos de colégio interno. O livro possui um subtítulo: “Crônicas de uma Saudade”. Um romance de reminiscências, profundo, de enorme densidade psicológica. Um menino, no livro de Pompeia, é “entregue” por seu pai a um internato, rompendo a sua vida familiar de forma abrupta e violenta. “Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta”.

O livro também funciona como uma crítica às instituições do decadente império brasileiro, que o autor apresenta na forma de uma escola tradicional e ultrapassada (ao fim, consumida pelo fogo). A obra termina carregada de melancolia: “Aqui suspendo a crônica das saudades. Saudades verdadeiramente? Puras recordações, saudades talvez se ponderarmos que o tempo é a ocasião passageira dos fatos, mas sobretudo – o funeral para sempre das horas”.

Na sua denúncia a Raul Pompeia, Bilac, o mesmo homem capaz de ouvir e entender as estrelas, afirma, depois de acusar o literato de servilismo e bajulação, que a defesa do autor de “O Ateneu” a Floriano Peixoto apenas se poderia explicar por alguma espécie de “amolecimento cerebral, pois que Raul Pompeia masturba-se e gosta de, altas horas da noite, numa cama fresca, à meia-luz de veilleuse mortíça, recordar, amoroso e sensual, todas as beldades que viu durante o dia.” A imputação cai como uma bomba na cabeça complexa de Pompeia, que, sabidamente, tinha dificuldades de relacionamento com mulheres.

Pompeia revidou. Publica uma resposta no “Jornal do Commercio”. Segundo ele, “O ataque foi bem digno de uns tipos, alheados do respeito humano, licenciados, marcados, sagrados – para tudo – pelo estigma preliminar do incesto”, alfinetou o escritor. Pompeia chega a sugerir que

o solteirão Bilac tinha um caso com seu sobrinho. Quanto talento desperdiçado em baixarias!

Dias depois, Bilac e Pompeia se encontram casualmente na Rua do Ouvidor, no centro do Rio. Partem para as vias de fato. Socos e pontapés. Insultos de parte a parte. São apartados. A troca de tapas não se mostra suficiente para acalmar os ânimos. “Só a sangue isso pode acabar”, teria ameaçado Pompeia. Este, então, convoca Bilac a participar de um duelo de espadas, que ocorreria no atelier do escultor Rodolpho Bernardelli.

Dois anos antes desse episódio, Deodoro havia, por meio do Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890, alterado o Código Penal, para nele incluir como crime participar e, até mesmo, desafiar alguém para um duelo. Até pouco tempo, o duelo era considerado a forma elegante de proteger a honra. Apesar da proscrição do duelo, os dois literatos compareceram no dia marcado para o embate.

Cada um deles leva sua testemunha. Bilac vai acompanhado do deputado cearense (e segundo-tenente) Jesuíno de Albuquerque, enquanto Pompeia chega com o comandante do exército Francisco de Matos.

Já com as espadas nas mãos – embora nenhum deles soubesse bem manejá-las –, prontos para iniciar a luta, as testemunhas escolhidas concitaram os dois talentosos homens das letras a desistir da contenda. Argumentaram que ambos já haviam provado sua coragem e resguardado suas honras pelo simples fato de terem comparecido ao duelo. Nada mais era necessário.

Felizmente, as razões dos mediadores convenceram Bilac e Pompeia. Talvez, argumentos racionais, mesmo num momento tenso, tenham feito sentido para dois homens sensíveis e inteligentes, que, ademais, haviam estudado Direito. Bilac, que iniciou o conflito, apresentou um tímido pedido de retratação (tudo leva a crer que encaminhou seu pleito com a sutileza de um poeta). Segue-se um constrangido aperto de mãos. Salvam-se os dois.

No ano seguinte, 1893, Olavo Bilac é perseguido pelo governo de Floriano. Foge, vivendo um breve período na clandestinidade. Depois, entrega-se e fica, por um curto tempo, preso na Fortaleza da Lage, no Rio de Janeiro.

Com a morte de Floriano, em 1895, Pompeia é demitido da Biblioteca Nacional. Profere, entretanto, um discurso elogioso no enterro

do ex-chefe de Estado, no qual ataca Prudente de Moraes, presidente em exercício. Isso o coloca novamente no alvo de ofensas inflamadas. Luís Murat, poeta muito ligado a Bilac, publica, no fim de outubro daquele ano, no jornal “O Comércio de São Paulo”, artigo intitulado “Um Louco no Cemitério”. Segundo o texto: “Ora, já vê o Sr. Dr. Raul Pompeia, que essas bravatas demagógicas não lhe ficam bem”.

Raul Pompeia não suporta as críticas. No dia de Natal de 1895, o autor se suicida com um tiro no coração. Deixou uma nota: “Ao jornal *A Notícia*, e ao Brasil, declaro que sou um homem de honra”. Faltou-lhe seguir a recomendação do pai em “O Ateneu”: “Coragem para a luta”.

Bilac, por sua vez, viveu por muitos anos após o duelo com Pompeia. Escreveu, depois do incidente, crônicas e poemas, entre eles o famoso “Caçador de Esmeraldas”, de 1902, em versos alexandrinos clássicos, joia do movimento literário parnasiano. Muito popular, Bilac, ainda em vida, foi alcunhado de “príncipe dos poetas brasileiros”. Teve tempo, também, de se dedicar à campanha do serviço militar obrigatório.

O episódio permite algumas reflexões. O primeiro é o de que, assim como os brutos também amam, os poetas podem odiar. A profunda sensibilidade por vezes convive, no mesmo ser humano, com a intransigência.

Depois, somos obrigados a reconhecer que os conhecimentos jurídicos – de que dispunham tanto Bilac como Pompeia – não os impediram de cometer uma ilegalidade (participar de um duelo), nem os levaram a decidir suas diferenças de forma civilizada, num debate franco, ao invés de partir para a violência.

Por fim, há, no caso, uma atuação peculiar dos militares (as duas testemunhas): por um lado, participaram de um ato ilegal, pois o duelo se tornara crime; porém, por outro, foram esses “homens das armas” que convenceram os “homens das letras” a desistir do combate físico. Bem vistas as coisas, não fosse a mediação do segundo-tenente e do comandante, o Brasil possivelmente perderia, de forma prematura, um ou mesmo dois de seus maiores talentos literários, que, exaltados, viveram, como no verso de Bilac, “na extrema curva do caminho extremo”.